Diário de Notícias, 6 de Março de 2016

Um espectáculo com 128 anos

No próximo sábado cantam-se os parabéns ao Teatro Municipal Baltazar Dias, uma casa de braços abertos ao público. O convite é para descobrir o que está por detrás desta longa história. O final é feliz! TEXTO **PAULA HENRIQUES** FOTOS **RUI SILVA/ASPRESS**

SÃO MUITOS OS MADEIRENSES que nunca entraram no Teatro Municipal Baltazar Dias e por isso não sabem do que falamos quando referimos o edifício de grande beleza arquitectónica e valor patrimonial. É para diminuir cada vez mais este número e para fazer deste teatro uma casa de todos que a Câmara do Funchal está a trabalhar. Depois de abrir a sala de espectáculo a todos quantos ali queiram mostrar o seu trabalho nas várias áreas artísticas, a democratização, se assim podemos chamar, chega às entranhas, habitualmente fora dos olhos do grande público. A cortina abriu-se. Faça o favor de entrar!

Por detrás do pano, por cima da acção e por baixo do soalho, há um património a valorizar, memórias guardadas e ambientes perdidos para recuperar. As visitas guiadas ao Teatro são uma forma de divulgar, aproximar e conseguir outros meios de financiamento que no futuro vão permitir algumas obras, naturalmente exigidas pela passagem do tempo e sobretudo depois da aluvião do 20 de Fevereiro de 2010. A data mantém-se na memória dos que viveram e perderam. Mantém-se também nas paredes de pedra do sub-palco, onde em breve o Gabinete de Arqueologia e Restauro deverá intervir.

NEM SÓ EM PALCO há espectáculo quando se fala do Teatro Baltazar Dias. Todo ele é uma longa peça com mais de um século que continua em cartaz. Basta entrar nos corredores, subir os degraus de madeira e aceder à zona superior, onde as cordas, mecanismos de roldanas e cenários promovem uma viagem no tempo. Dão acesso à Teia,

uma sala por cima da plateia, com janelas por onde entra luz e uma estrutura central de ferro, madeira e cabos de aço e que deixa descer o imponente lustre vindo de Paris que ilumina a sala principal. É também o caminho para as varandas superiores com vista para o mar, Jardim Municipal e serra acima.

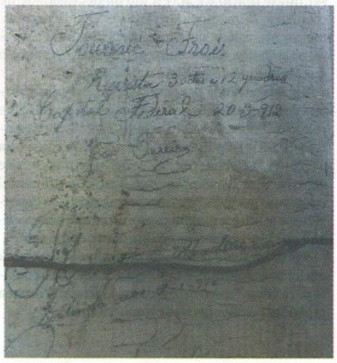
A Teia é uma sala feita de pedra e madeira. É um sítio carregado de história, sobretudo de artistas. Foi ali que muitos pintaram as telas para usar nas peças. Eram pintadas no chão, montados nos cabos e desciam com as cordas.

Hoje os grupos trazem tudo feito. Já ninguém pinta cenários naquele espaço e a ideia é por isso fazer ali um núcleo museológico onde as pessoas vão poder ver objectos que ajudam a traçar o percurso desta casa, idealizada por Tomás Augusto Soller.

O arquitecto natural do Porto não viveu para ver erguida a sua obra, um orgulho para a cidade do Funchal e ainda hoje a principal sala de espectáculos. Deixou a casa em papel. Faleceu em 1883, o Teatro seria inaugurado a 11 de Março de 1888. Faz este mês 128 anos.

A ENTRADA faz-se pelo átrio, espaço amplo transformado em alguns dias em sala de espectáculos ou de exposições. Nas paredes estão placas de homenagem, a mais recente recorda Maria Aurora entre músicos de orquestra, actores e mais instrumentistas que ajudaram a fazer do Baltazar Dias a referência que é hoje. Lá estão também João Vilar e Maria de Matos.

O edifício abriu as portas com o nome de Teatro Dona Maria Pia, a rainha da época que ajudou a Câmara a adquirir os terrenos para a construção. Com a queda da monarquia e com a implantação da República passa a chamar-se Teatro Funchalense. Foi ainda designado Teatro Manuel de Arriaga antes de assumir em 1935 o nome de Baltazar Dias, em homenagem ao importante poeta e dramaturgo madeirense do século XVI. Conhecido como 'o poeta cego da Ilha da Madeira', fez carreira nacional e em muito contribuiu para a Cultura do país, nomeadamente com as peças de teatro, especialmente sátiras que criou ao estilo de Gil Vicente.



Uma engenhosa combinação de formas, materiais e caixas-de-ar está na origem da boa acústica da sala, elogiada por quem ali actua

No átrio está também uma referência ao lançamento da primeira pedra, em Outubro de 1884. Foram quase quatro anos para construir, o que, para a altura, até revela alguma celeridade.

O BALTAZAR DIAS é um teatro de tipologia italiana, um género concebido mais para óperas e operetas. Toda a sua arquitectura e construção, incluindo os materiais, foram organizados para projectar a voz e o som. A conjugação da sala em forma de ferradura com a madeira e tecido, a par das caixas-de-ar criadas na parte subterrânea num complexo jogo de estreitos corredores e aberturas, garantem a boa acústica por que é conhecida a sala.

PAULO CAFÔFO E SANDRA NÓBREGA estão juntos no projecto que acreditam vai valorizar o Teatro. A equipa está motivada.

Os ingleses chamam ópera house a salas como o Teatro Baltazar Dias, durante algum tempo transformado quase exclusivamente em sala de cinema. As várias máquinas de projecção antigas expostas contam a história de um tempo em que os espectáculos ficaram fora de moda e o cinema era a atracção. Foi a primeira sala da Região onde foi passado um filme. Hoje é usada para múltiplos espectáculos.

Os passos são abafados nos corredores pela carpete vermelha. Quando saímos da zona de circulação do público o cenário transforma-se. Pelas laterais do palco acedemos aos camarins, quartos onde os artistas se preparam antes de entrar em cena. O camarim da 'prima-dona' é o do/a artista principal e é o mais próximo do palco e é o que oferecia melhores condições, paredes forradas, mobiliário mais clássico, para além de vista para o mar. Os camarins estiveram em obras. Foram recuperados com a ajuda dos serviços camarários, os mesmos que continuam a recuperar peças para colocar em exposição.

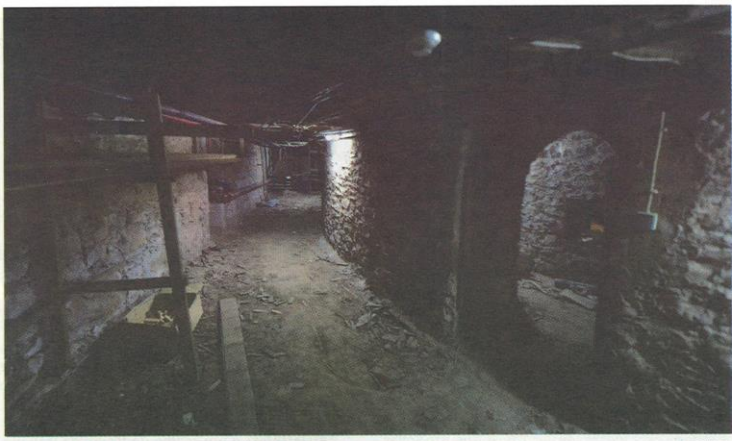
A visita continua pelo Salão Nobre que recebe também exposições e workshops e pelo camarote presidencial, que tem a melhor vista para o palco.

A madeira range e recorda o peso da idade à medida que subimos para a Teia. O nome vem do emaranhado de cordas suspensas que seguram os vários varões onde se encaixam os telões. Há uma outra justificação que aponta para o rendilhado trabalhado da parte onde desce o lustro no centro da sala circular. Porque é bonita, porque contém história e porque é raro o acesso a estes espaços, a direcção do Teatro está a postar na sua divulgação.

Os turistas elogiam o espaço e os residentes também. "Isto é uma coisa de filmes", diz um dos participantes na visita. "Faz-me lembrar o Fantasma da Ópera", diz outro. Quem ali entra começa a imaginar o potencial do espaço como residência. Mas não é para morar. É para visitar, desfrutar e sair para contar.

OS VISITANTES sobem à teia quando têm capacidade para subir pelos seus próprios pés. A acessibilidade ▶

UM MECANISMO NO CENTRO DA TEIA permite baixar o lustre para limpar e mudar as lâmpadas. O mecanismo é ainda o original.



é uma coisa a tratar no futuro, com a colocação de um elevador. Para já há apenas um monta-cargas e os degraus, de madeira e estreitos exigindo atenção. É difícil com a vista que se apresenta à volta.

As crianças não sobem. Os alunos só a partir dos 15 anos e se forem bem comportados. Mesmo os grupos são reduzidos. Oito a dez pessoas, o que é bom em termos de impacto na estrutura e bom também na atenção dada aos participantes.

Todos adoram subir à Teia e ficam sempre surpreendidos. À entrada da sala, o desfile das cordas suspensas na parte superior. São calhas de trabalho agora em desuso. As mais usadas - a dos projectores de luz, a branca para projecção de filmes e a vermelha, de abertura e encerramento do espectáculo - são eléctricas. As restantes são ainda num antigo sistema de cordas e roldanas de madeira que remetem para um convés de um navio antigo, uma caravela.

Chegados ao topo, um corredor em volta oferece diferentes perspectivas sobre o palco. Nas paredes estão escritos de quem por ali passou, gente mais e menos ilustre das companhias. A estreia de uma companhia de opereta ficou gravada numa frase datado de Março de 1912. Há outra de 1916, rabiscos cheios de história que o Teatro quer preservar.

Entre o património esquecido estavam também cerca de 30 telões que a equipa do Teatro desembrulhou. Alguns dos telões são de papel e esses foram os mais afectados. A ideia é colocá-los em exposição, falta definir onde. Entre os desembrulhados está um pintado por Danilo Gouveia e outros mais antigos, dos anos 70, de Afonso Costa.

TERMINADO O PERCURSO na Teia, que inclui a saída à varanda, a visita guiada leva os visitantes ao piso -1, às 'catacumbas', ao sub-palco. A área ainda apresenta marcas do 20 de Fevereiro. O chão é de terra batida e sempre foi, mas as paredes de pedra revelam a altura a que subiram as águas, um rasto deixado pela lama.

O sub-palco fica por baixo e anda à volta com corredores de pedra e caixas-de-ar. Nesta vista passa-se por baixo dos camarotes, em jeito de túnel subterrâneo. "Isto era engenharia a sério", disse o presidente da Câmara Paulo Cafôfo, que também desceu à parte mais profunda do Teatro para acompanhar a visita.

"A nossa ideia é cada vez mais dar visibilidade a este teatro, que se fale dele, que as pessoas gostem dele, para que queiram investir aqui", revelou Sandra Nóbrega, a directora do Teatro.

No ano passado mais de 1600 pessoas ficaram a conhecer melhor o Baltazar Dias, em 89 visitas guiadas. A visita custa 3,5 euros por pessoa, metade pagam os seniores e os jovens e realizam-se às terças-feiras. Os alunos das escolas não pagam e vão às segundas.

A PROCURA tem aumentado desde que a Câmara apostou na divulgação. As unidades hoteleiras são parceiros privilegiados. A aposta neste estreitar de laços, juntamente com a aposta nas redes sociais vem dando frutos. "Só se pode valorizar quando se conhece", acredita Paulo Cafôfo. "A maior parte dos estrangeiros que vinha cá ver os espectáculos, e até os madeirenses, não tinha ideia, porque não era acessível, do que é que é o Teatro 'no avesso'".

Todo o trabalho de manutenção é feito pela Câmara. O facto de ser uma entidade pública torna mais complicado conseguir apoios, lamentou o presidente. O teatro é uma casa cara, cara em termos de manutenção, distingue. O trabalho tem de ser quase diário e é acrescido da necessidade de recuperar o que ficou estragado. "O edifício realmente precisa de uma manutenção diária e o esforço que nós temos feito de requalificar aquilo que tinha sido degradado é ainda maior".

A intervenção já permitiu tornar acessível a plateia e as casas de banho a pessoas com mobilidade reduzida. Mas ambicionam mais. A política em sentido de abrir ao público é a que a câmara considera acertada. "O fechar não faz sentido. Numa casa de espectáculos há sempre uma ligação sentimental entre os espectadores e os espectáculos. E os espectáculos acontecem num espaço. A nossa perspectiva é que as pessoas sintam este teatro como seu".

A proximidade passa pela página, pelo Facebook e pela newsletter, mas também por aceitar o convite para ver o Teatro do outro lado, para acarinhar a sala de espectáculos que é também sua.